

**Hérika Eustáquia do Carmo**



**TRAÇANDO CAMINHOS**

**UM PERCURSO PELO ENSINO DE DESENHO CONTEMPORÂNEO**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

**Hérika Eustáquia do Carmo**

**TRAÇANDO CAMINHOS**

**UM PERCURSO PELO ENSINO DE DESENHO CONTEMPORÂNEO**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Carmo, Hérika Eustáquia, 1977-  
Traçando Caminhos – Um percurso pelo Ensino de Desenho  
Contemporâneo: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Hérika  
Eustáquia do Carmo. – 2015.  
47 f.

Orientadora: Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes  
da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,  
como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em  
Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Alvarenga, Antônia Dolores  
Belico Soares de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de  
Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *Traçando Caminhos – Um percurso pelo Ensino de Desenho Contemporâneo*, de autoria de Hérica Eustáquia do Carmo, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga - Orientadora

---

Geraldo Freire Loyola

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

À Viviane Chagas de Lima, colega de viagem, que fez a grande travessia para ensinar e aprender Artes em outras paragens.

Agradeço a tudo e a todos que, de alguma  
maneira, fizeram parte desta caminhada.

*“Aonde fica a saída?”, Perguntou Alice ao gato que ria.*

*”Depende”, respondeu o gato.*

*”De quê?”, replicou Alice;*

*”Depende de para onde você quer ir...”*

Lewis Carroll

*Desde que eu comecei a desenhar*

*não há belo, não há certo*

*não há feio, nem errado*

*Há apenas eu e o que vejo*

*todo o resto é o desenho e maneiras de ver.*

## RESUMO

Esta monografia, sob o título *Traçando Caminhos – Um percurso pelo Ensino de Desenho Contemporâneo* segue a trajetória do Ensino de Artes no Brasil para então, contextualizar o Desenho, como categoria artística autônoma e o seu ensino. Buscando investigar propostas e experiências no Ensino de Desenho nesse início de século, prossegue a selecionar, analisar e sintetizar trabalhos acadêmicos sobre o tema, a partir de uma pesquisa nos bancos virtuais de dissertações e teses da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, da Universidade de São Paulo - USP e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e nos acervos de anais eletrônicos da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP e do Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil - ConFAEB.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Ensino de Desenho.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO - PRIMEIROS PASSOS.....</b>   | <b>10</b> |
| <b>1. UM PASSEIO PELA HISTÓRIA - O ENSINO DE ARTE, O DESENHO E O ENSINO DO DESENHO .....</b>  | <b>12</b> |
| <b>2. EM BUSCA DO DESENHO PERDIDO - O ENSINAR E O APRENDER .....</b>  | <b>21</b> |
| <b>3. A CHEGADA, OU MELHOR, PONTOS DE PARTIDA - COMO ENSINAR-APRENDER DESENHO NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>                        | <b>30</b> |
| <b>3.1. Desenho com o corpo .....</b>   | <b>30</b> |
| 3.1.1. <i>Desenho inscrito no corpo .....</i>   | 31        |
| 3.1.2. <i>Rudolf Laban nas artes visuais: fatores do movimento e o ensino do desenho .....</i>                                      | 34        |
| 3.1.3. <i>Corpos em movimento, corpos desenhados e que desenharam .....</i>   | 34        |
| <b>3.2. Filosofia e poéticas.....</b>   | <b>35</b> |
| 3.2.1. <i>Possíveis travessias: uma possibilidade na formação do arte/educador ...</i>  | 35        |
| 3.2.2. <i>Curso de desenho por correspondência .....</i>  | 36        |
| 3.2.3. <i>De cima do pé de flamboyant para a universidade - dos absurdos de quem mais aprende do que ensina .....</i>               | 37        |
| <b>3.3. Formação de professores-artistas .....</b>  | <b>37</b> |
| 3.3.1. <i>Possíveis travessias: uma possibilidade na formação do arte/educador ...</i>  | 37        |
| 3.3.2. <i>Desenho e pintura: repertório da formação inicial do professor de arte ....</i>   | 38        |
| 3.3.3. <i>O ensino de artes visuais e a lógica nômade: o desenho como elemento à formação do artista-professor-pesquisador.....</i> | 38        |
| <b>3.4. Desenho infantil e o Ensino do Desenho na escola .....</b>  | <b>39</b> |
| 3.4.1. <i>Desenho infantil e ensino de artes visuais em dois livros de Edith Derdyk: bases para um ensino inclusivo .....</i>       | 39        |
| 3.4.2. <i>Fundamentos da prática do desenho na escola .....</i>   | 39        |
| <b>3.5. Desenho de observação.....</b>  | <b>40</b> |
| 3.5.1. <i>Passeio pela arquitetura e urbanismo do Crato: um olhar através do desenho de observação.....</i>                         | 40        |
| 3.5.2. <i>Desenho de observação: percepção do espaço: olhares sobre o bairro Cirolândia.....</i>                                    | 41        |
| 3.5.3. <i>Sombra, indeterminação e incompletude: o processo de criação como dinâmica para o Ensino do Desenho .....</i>             | 42        |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS - A CAMINHADA .....</b> | <b>43</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                        | <b>45</b> |

## INTRODUÇÃO - PRIMEIROS PASSOS

Minha experiência com o Desenho começa, como para a maioria das pessoas, nos tempos de criança. Ainda guardo, com cuidado e orgulho, meu primeiro caderno de desenhos. Com o passar dos anos, meu gosto pelo Desenho continuou me acompanhando na escola e em casa, por influência dos meus irmãos - desenhistas que escolheram outros caminhos, mas que carregam o Desenho nos olhos, nas mãos e na bagagem - e dos meus pais, cujos desenhos primitivos e as recordações do antigo Ensino de Desenho são muito presentes na minha lembrança.

Traçando o caminho do Desenho 'desde que me entendo por gente', minha escolha pelo tema de minha pesquisa foi natural, mas nem por isso, fácil. Algumas curvas, bifurcações, atalhos, confundiam o percurso. Mas, ao definir o trajeto e começar a caminhar, fui percebendo a importância desses passos. Uma de minhas propostas iniciais era fazer oficinas de Desenho, mas havia a necessidade de conhecer mais sobre o seu ensino nos dias de hoje, ideias de como transformar o ensino de Desenho que se estabeleceu no país de forma deturpada. Foi instigante pesquisar e conhecer outros olhares, propostas de quem está intimamente ligado ao Ensino de Desenho.

Assim, este trabalho teórico tem como objetivo investigar a produção acadêmica sobre Ensino de Desenho, de algumas instituições, no período de 2005 a 2015. São elas: EBA/UFMG - Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, ECA/USP - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas e ConFAEB - Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil. A escolha destas instituições se deve à sua conceituação, referendada no meio acadêmico pela qualidade dos seus pesquisadores e de suas produções.

No capítulo um, registra-se o Ensino de Arte no Brasil desde seus primórdios ao início deste século. Faz-se uma breve exposição sobre o que é o Desenho

e segue-se explorando o Ensino do Desenho como experiência artística, como empoderamento dos nossos modos de ver e criar. No capítulo dois, apresenta-se o universo da pesquisa, as instituições e os respectivos textos, com uma pequena introdução sobre cada um. No terceiro capítulo, é feita uma síntese do processo metodológico proposto em cada trabalho, sendo criado, a partir de sua análise, um agrupamento segundo um tema em comum, resultando em cinco grupos: Desenho com o corpo; Filosofia e poéticas; Formação de professores-artistas; Desenho infantil e o Ensino do Desenho na escola e Desenho de observação.

Este relato sobre o Ensino de Desenho é um discurso à busca, à incerteza, ao sempre procurar, procurar conhecer, saber. É um tributo às caminhadas, aos caminhos, que são tantos e diversos, quantas são nossas perguntas, mesmo que levem ao mesmo lugar. É um elogio à imperfeição. Incompleta, impermanente, imperfeita aos olhos mais distraídos, divina pra quem sabe olhar. É uma constatação de que estamos em constante construção e não nos construímos sozinhos. É uma saudação à individualidade, aos particulares modos de ver e a tudo que podemos aprender compartilhando essas riquezas.

## 1. UM PASSEIO PELA HISTÓRIA - O ENSINO DE ARTE, O DESENHO E O ENSINO DO DESENHO

O modo como se ensina e como se aprende Arte vem se transformando com o tempo, assim como os movimentos artísticos e a própria sociedade, mesmo que não de forma concomitante.

O modelo medieval (aprendiz-mestre) é substituído pelo modelo da academia no século XVI. [...]

O declínio da lógica acadêmica verifica-se no século XIX com o Romantismo, que procura uma arte liberta de regras e declara que a arte não pode ser ensinada. [...]

No início do século XX, surgiu em Hamburgo (Alemanha) um movimento, herdeiro do *Arts and Crafts Movement* inglês, que defendia o incentivo à criatividade nas aulas de Desenho das escolas. A arte devia ocupar uma posição central em toda a educação por ser uma manifestação da capacidade criadora do homem. [...]

Na arte moderna os objetos originais podiam reivindicar serem obras de arte. A originalidade seria estimulada no fazer artístico da criança. A cópia de qualquer espécie seria condenada. Essa foi a filosofia que guiou a prática da arte/educação modernista. [...]

Uma arte/educação pós-moderna enfatiza a habilidade de se significar obras de arte sob o aspecto do seu contexto social e cultural, como principal resultado da instrução. (PIMENTEL, 2008, p. 15-16).

O Ensino de Arte no Brasil, como o conhecemos hoje, é uma herança que vem sendo construída desde a chegada dos colonizadores, passando por sucessivas modificações, como também, a Educação brasileira. Modificações estas, motivadas principalmente por “interesses políticos, ideológicos e econômicos” (SANTANA, 2008, p. 24). O resultado é um Ensino de Arte com influências tanto de métodos e deliberações equivocados, quanto das iniciativas que buscaram um Ensino de Arte de qualidade.

À época do descobrimento, a Educação no Brasil ficou a cargo dos jesuítas, que implantaram um modelo de ensino elitista que valorizava os estudos retóricos e as artes literárias, “demonstrando acentuado preconceito contra as atividades manuais, com as quais as Artes Plásticas se identificavam pela natureza de seus instrumentos.” (BARBOSA, 2005, p. 21). O trabalho

mecânico ou manual, menosprezado, era realizado e ensinado de maneira informal pelos escravos, pelos indígenas, pelos mestiços. Tal modelo vigorou até a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, mas suas raízes permaneceram.

No início do século XIX, D. João VI chega ao Brasil. Por meio de um decreto ele cria o que viria a ser a Academia Imperial de Belas-Artes. O modelo europeu, também elitista, de Ensino de Arte é implantado, com o neoclassicismo trazido pelos artistas membros da Missão Francesa, grupo que veio ao Brasil para criar e organizar a Escola de Ciências, Artes e Ofícios, futura Academia Imperial de Belas-Artes, inaugurando assim, oficialmente o ensino artístico no império. O neoclassicismo prezava pela precisão da linha e se sobrepôs ao barroco brasileiro, estilo genuinamente criado pelos humildes artistas brasileiros. No entanto, mesmo antes da chegada de D. João VI ao Brasil<sup>1</sup>, o Ensino do Desenho já começava a se instaurar, processo que foi consolidando-o como Ensino de Arte. Uma prática reducionista em se tratando de área tão ampla como o Ensino de Arte, mas que perdura até hoje.

Desde então até a Proclamação da República, o Desenho permanece como principal elemento do Ensino de Arte. Sobretudo com as ideias de Rui Barbosa expressas em seus Pareceres sobre as Reformas do Ensino Secundário e Superior (1882) e do Ensino Primário (1883). Segundo Ana Mae Barbosa (2005, p. 44) “nenhum outro educador que se tenha dedicado ao estudo do processo de Educação em geral deteve-se tão minuciosamente sobre o ensino do Desenho ou o ensino da Arte como Rui Barbosa”. Foi um período em que o Ensino do Desenho foi visto como necessário para alavancar o desenvolvimento técnico, industrial e econômico do Brasil, especialmente depois da *Centennial Exhibition of Philadelphia* (1876), Exposição Internacional na qual os EUA apresentaram superioridade no desenho de seus produtos e grande progresso industrial. O que anuncia a influência norte-americana no Ensino de Arte no Brasil. O Ensino de Desenho norte-americano teve como

---

<sup>1</sup> “Não sabemos quais os métodos empregados no ensino do Desenho, mas é indicativo de uma nova abordagem educacional a inclusão no currículo, como também o é a criação de uma aula régia de Desenho e figura em 1800.” (BARBOSA, 2005, p. 23).

inspiração a escola alemã Bauhaus, mas seus conceitos foram adaptados de maneira empobrecida. O período republicano foi também um período de disputa de ideias liberais e positivistas que, de acordo com Barbosa (2005, p. 41) viam no Desenho um “aspecto propedêutico”. Para os liberais seria a preparação para o trabalho, para os positivistas, a educação da inteligência e do caráter, função cada vez mais atribuída ao Desenho Geométrico e à estética realista. Com a Proclamação da República, mesmo tendo sido articulada pelos positivistas, as instituições de ensino passam por uma reforma educacional e o liberalismo se afirma.

No início do século XX a tendência à cientifização da educação levou a estudos experimentais que relacionavam pedagogia e psicologia. Tais estudos colocaram a criança no centro dos interesses pedagógicos, deixando de ser vista como o esboço de um adulto. Sua natureza própria e a livre expressão de seus grafismos foram valorizadas. “Estabeleceu-se assim um novo modo de ver o Desenho como elemento informativo de natureza psicológica”. (BARBOSA, 2005, p. 103).

[...] a aproximação inicial do Desenho com a Psicologia no Brasil resultou principalmente na configuração de uma atitude de respeito para com o grafismo da criança, [...]. Entretanto, a valoração da arte infantil como produto estético, ou melhor, o reconhecimento dos valores estéticos da arte infantil ligados ao seu espontaneísmo somente teve lugar com a introdução da cultura brasileira às correntes expressionistas, futurista e dadaísta da arte contemporânea, através da Semana de Arte Moderna de 1922. (BARBOSA, 2005, p. 111-112).

As duas primeiras décadas do século XX foram uma continuidade dos ideais republicanos, a partir daí a Educação brasileira passou por muitas reformas que buscaram o rompimento com o ensino tradicional. Chegam ao país, trazidas pelo educador Anísio Teixeira, as ideias de John Dewey, que fundamentaram o Movimento Escola Nova. Para Dewey a Arte é uma “experiência consumatória”, experiência que permeia todo o processo. Mas interpretada erroneamente, essa ideia é difundida como se fosse o último passo no processo, ficando a Arte a serviço de outras áreas de estudo. Este equívoco acabou por sedimentar um modelo de Ensino de Arte que ainda é

praticado. Neste contexto, o modernismo na Arte e no Ensino de Arte tem como expoentes Anita Malfatti e Mário de Andrade. Anita Malfatti, com suas aulas com o método inovador que valorizava a livre expressão e o espontaneísmo da criança e Mário de Andrade com seus estudos sobre grafismo infantil. Além da participação de ambos na Semana de Arte Moderna, evento que representou a busca por uma Arte nacional e a insatisfação frente à importação de modelos estrangeiros. Também se destaca nesse período o surgimento das escolas de Arte, dando início às aulas de Arte extracurriculares.

Estava preparado o longo caminho percorrido desde as influências do liberalismo, procedentes do século XIX, até as primeiras manifestações da arte Moderna, em 1922, para que no Brasil fosse possível, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, sob influência da Bauhaus, o desdobramento dialético das tensões entre o Desenho como Arte e o Desenho como Técnica, entre a expressão do eu e a expressão dos materiais. (BARBOSA, 2005, p. 115).

Com a ditadura Vargas, de 1937 a 1945, o Ensino de Arte fica estagnado assim como a educação como um todo. O desenho geométrico, a cópia de estampas e o desenho pedagógico são as práticas mais frequentes e a Arte na escola se firma como um instrumento para outros fins que não o Ensino da Arte. Em 1930 o governo Vargas solicita ao arquiteto Lúcio Costa um programa de reformulação do Ensino de Desenho no curso secundário na Escola Nacional de Belas Artes, da qual este era o diretor. Este programa inspiraria várias experiências escolares posteriores, sobretudo com a criação de classes experimentais em 1958. Com o fim da ditadura são fundadas as Escolinhas de Arte por diversos lugares no Brasil. Com o foco na livre-expressão, tinham também o objetivo de influenciar o ensino formal.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961, apesar de provocar uma discussão sobre modificações nos currículos não efetivou mudanças do Ensino de Arte nas escolas.

De 1958 a 1963 o país passa por um período de intensa mobilização política. “Arte e cultura estão em efervescência na educação popular”. (GOUTHIER,

2008, p. 39). Movimentos de transformação social e política ocorriam em escala mundial, até que em 1964 por um golpe de estado os militares tomam o poder no Brasil. Várias experiências em Arte e em seu ensino são interrompidas. A prática artística escolar se limita ao colorir desenhos para as datas comemorativas, cívicas, religiosas e folclóricas. Conforme Gouthier:

Desse período, que se manteve sombrio até 1985, ficaram alguns sobreviventes. No que diz respeito ao ensino da arte, ficou a Lei 5692/71, que instituiu a polivalência, reunindo numa só disciplina, a Educação Artística, as atividades de artes plásticas, música e artes cênicas (teatro e dança). Com esses fundamentos, pautados na superficialidade e sem foco no conhecimento, a arte entrou para o currículo obrigatório no Ensino Fundamental. (GOUTHIER, 2008, p. 40-41).

Para preparar professores para a nova disciplina, foram criados os cursos de Licenciatura em Educação Artística. “Nas escolas a arte ocupa o lugar de atividade, lazer ou relaxamento, sendo ignorada como área de conhecimento.” (GOUTHIER, 2008, p. 41).

Na década de 1980 as associações de arte-educadores foram responsáveis por grandes avanços na área do Ensino de Arte. E em 1996, pela nova Lei de Diretrizes e Bases Nacional, a disciplina Educação Artística dá lugar à disciplina Arte, obrigatória no currículo de toda a educação básica. “De atividades esporádicas de cunho mais próprio de relaxamento e recreação, passa-se ao compromisso de construir conhecimentos em Arte” (PIMENTEL, 2006, p. 1 *apud* GOUTHIER, 2008, p. 42).

Formulada na década de 1980, por Ana Mae Barbosa, a Abordagem Triangular é uma sistematização do Ensino de Arte que trabalha com três eixos de ensino-aprendizagem: Ver Arte, Fazer Arte, Contextualizar Arte. Eixos sem hierarquia entre eles e interligados entre si e com o cotidiano do indivíduo. Um processo que objetiva possibilitar ao indivíduo a capacidade de usufruir da arte. A elaboração dos PCN/Arte - Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997 foi fundamentada nesta proposta. Neste século XXI, a Abordagem Triangular continua sendo a base para as metodologias do Ensino de Arte no Brasil.

No ensino de arte no Brasil, ao longo do tempo, foram adotados diversos métodos, na maioria das vezes importados sem a devida adaptação. Desde a colonização – com os jesuítas impondo a separação entre a retórica e a manufatura, fomentando a negação da cultura indígena –, passando pelo século XIX – com a negação do barroco em favor do neoclássico – e pelo século XX – com a cópia do modelo americano de imposição de materiais prontos e treinamento de professores que, infelizmente, ainda perdura até hoje –, o ensino de arte no século XXI se inicia com a multiplicidade de possibilidades, mas ainda com o risco da mesmice. (PIMENTEL, 2008, p. 9).

O ensino de Desenho, como vimos, foi quase sempre um sinônimo de Ensino de Arte na história do Brasil. Na história contada a partir do colonizador, pelo colonizador e influenciada por sua tradição clássica. Assim, “fica-nos faltando, em nossa formação intelectual e universitária, o sentido da palavra *desenho* anterior à Missão Francesa, cujo panorama cultural era fundado no Barroco.” (DERDYK, 1989, p. 35). Apropriado muitas vezes equivocadamente, o Ensino de Desenho acabou por determinar uma compreensão simplista, por vezes preconceituosa, acerca do Desenho. Limitando-o a um caráter técnico e superficial, a uma dicotomia entre Arte e técnica, deixando-se de explorar seu caráter reflexivo, sua amplitude de possibilidades.

[...] no ensino de arte, muitas vezes, o desenho está, ainda, associado exclusivamente a um modelo formal de representação, deixando-se de lado o seu sentido de processo de experimentação do mundo, as suas características de economia e flexibilidade de meios e o seu valor de conceito reflexivo na conformação de uma idéia. (COELHO, 2008, p. 55).

O Desenho já **estava** antes da Missão Francesa, já **era** antes do Ensino do Desenho. Nas rochas e nas cavernas, na pele dos índios, nas nervuras das folhas das plantas, nos rastros na areia, no pensar, na intenção.

Essa atividade de desenhar é uma atividade não só de riscar papel com o lápis, ela também é a atividade de definir intenções, de saber o que se quer. [...] É onde o que vai vir a ser se anuncia. [...] Ao rasgar o papel eu estou criando uma linha e linha não é desenho? (DWORECKI in DESENHO, 2006, *on-line*).

O Desenho é meio, enquanto diálogo com outras muitas áreas que fazem uso da expressão gráfica. É fim em si mesmo, categoria artística autônoma. “[...] funciona por suas mínimas exigências de concretude material, como [...] instrumento de guerrilha, a arte do mínimo, a arte da sobrevivência.” (DERDYK, 1989, p. 44). É aberto a experimentações.

A palavra desenho serve a um campo amplo de referências que vai além do âmbito artístico. Desenhamos no pensamento, imaginando figuras e cenas, dando forma às idéias na mente. Desenhamos com lápis sobre o papel e, também, com um graveto de madeira ou com o dedo sobre o chão de terra ou na areia da praia. Assim, podemos dar formas às nossas idéias. (COELHO, 2008, p. 53).

Em vários momentos da história, o Desenho é relacionado e comparado à escrita, em parte, pela origem gráfica desta, segundo alguns pesquisadores. Mário de Andrade foi um dos que se dedicaram a pesquisar essa natureza caligráfica do Desenho, afirmando que sua finalidade está ligada à finalidade da prosa e da poesia. Essa proximidade com a escrita, segundo Barbosa (2005, p. 36), alegava a acessibilidade da capacidade de desenhar a todos e não apenas aos que possuem um dom especial.

A agilidade do Desenho acompanha a agilidade do cérebro e integra “sentidos, percepção e pensamento” (DERDYK, 1989, p. 25), sendo o Desenho uma continuação do pensamento, por meio da mão. “O Ensino do Desenho é o ensino do entrelaçamento entre o olhar, a mão e o espírito.” (COELHO in AULA, 2014). O Desenho é devaneio e também consciência. Não se restringe aos limites do papel, viaja, sonha. Mas, ao se enquadrar em composição na superfície retangular, se preenche de conceito e reflexão. O Desenho é feito de limites e espaços.

Quem se dedica a vida como desenhista, são pessoas que estão mais próximas da essência das coisas. Porque são pessoas que ficam descobrindo o tempo inteiro, onde uma coisa começa e a outra termina. E quem fica trabalhando nesses limites está trabalhando com o fundamental, e trabalhar com o fundamental é o mais difícil. (DWORECKI in DESENHO, 2006, *on-line*).

Ao desenhar, conhecemos verdadeiramente o objeto desenhado e nos aproximamos do mundo. Podemos, assim, construir nossa atuação no mundo, nos inserindo nele com mais propriedade, mais autonomia. Desenhar é, portanto, um modo de comportar-se, de se relacionar com o mundo. “Ensinar desenho é ensinar a olhar, a utilizar a habilidade da mão e a perceber o mundo, observar o mundo.” (COELHO in AULA, 2014). Aprender a desenhar é aprender a ver.

Em consonância com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa – Ver Arte, Fazer Arte, Contextualizar Arte –, o processo do desenhar se constitui de três passos principais, segundo Coelho (in AULA, 2014): “Observar, distinguir e relatar – coisas que se faz mesmo sem usar um lápis, mas se faz ao trabalhar o que é desenhar.”

Conforme Coelho (2008), a relação entre como o desenho é entendido no contexto histórico-cultural em que ele é produzido e o entendimento do que é Arte neste cenário, é a característica mais importante do Ensino do Desenho.

Na contemporaneidade, o Desenho assume características de outras categorias artísticas – pintura, escultura, instalação, performance – e um caráter experimental e multidisciplinar. O Desenho é “Múltiplo-poético-plástico”.<sup>2</sup>

Ensino de Desenho tem a ver com experiência, com desvencilhar-se de pré-conceitos e verdades, com resignificar, descobrir novos significados para o que já conhecemos. Pois, às vezes, ao olharmos para algo, antes mesmo de refletirmos sobre ele, nosso cérebro já nos informa o seu significado. No Seminário Desenho em Questão: Instituto de Artes/UFRGS<sup>3</sup>, realizado em outubro de 2007, Teresa Poester fala sobre a experiência do ensino-aprendizagem do Desenho:

---

<sup>2</sup> Apropriação do nome da publicação de poesia marginal, o “Múltiplo-Poético-Plástico”, uma iniciativa do escritor Edson Gonçalves Ferreira em parceria com o artista plástico Heraldo Melo Alvim, publicada em Divinópolis-MG, entre os anos de 1973 e 1978.

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=-zqMSGutdcw>

Ser professor de arte de uma área prática, a gente está lidando com alguma coisa que é um pouco diferente da informação, a gente está lidando com a experiência. E hoje tudo nos leva a sair da experiência, a não entrar na experiência, porque o que é experimentar alguma coisa? Precisa ter tempo, precisa ter uma certa intimidade com o ambiente e com o aluno, precisa ter uma certa receptividade, um certo silêncio interno pra que a gente possa entrar dentro da experiência. [...]

Tu olhar, por exemplo, uma garrafa e esquecer a última garrafa que tu viste e olhar esta garrafa ou esquecer aquele estereótipo que se tem da garrafa. É o exercício de entrar na experiência pura, quer dizer, a experiência é aquilo que acontece aqui e agora e quer melhor maneira de estar no aqui e no agora e conhecer alguma coisa do que estar desenhando? (POESTER, 2007, *online*)

Enfim, “faz-se necessário, desse modo, a recuperação do lugar do desenho como conceito fundamental no entendimento da obra de arte” (COELHO, 2008, p. 54) e como categoria artística passível de propiciar novas experiências, com outros rumos, entrelaçando conteúdos e materiais, práticas e possibilidades, numa proposta dialética para um Ensino de Desenho expandido. Na contemporaneidade, reflexões sobre o Ensino do Desenho buscam encontrar o seu lugar, o lugar do Desenho, sendo Arte, como potencializador da emancipação do indivíduo.

## **2. EM BUSCA DO DESENHO PERDIDO - O ENSINAR E O APRENDER**

Neste percurso de entender, investigar e relatar a trajetória do Ensino do Desenho no Brasil pode-se perceber a necessidade de se experimentar o Desenho em todas as suas potencialidades, algo do qual o ensino formal de artes no país, até os dias de hoje tem privado seus alunos.

No entanto, esforços têm sido despendidos por parte de acadêmicos, artistas e arte-educadores para ampliar o entendimento acerca do Desenho e de seu ensino.

Diante destas duas constatações, as perguntas: Mas como e quais seriam os métodos e metodologias para o Ensino de Desenho hoje? Como o Ensino de Desenho poderia acompanhar a prática artística do Desenho contemporâneo? Até que ponto estas questões fazem parte da formação dos professores-artistas de Artes Visuais? Elas contribuem para o discernimento quanto ao modelo de Ensino de Arte praticado até então no país? E quanto à formação do indivíduo?

Para refletir sobre estas e outras questões que certamente irão surgir, foram pesquisadas produções textuais a respeito do Ensino de Desenho nos bancos virtuais de teses e dissertações e bancos de anais eletrônicos das seguintes instituições e grupos: EBA/UFMG - Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, ECA/USP - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas e ConFAEB - Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil.

Tal universo de pesquisa foi delimitado observando a conceituação destas entidades perante o meio acadêmico e a qualidade das pesquisas e produções nelas desenvolvidas. Foram encontrados ao todo dezenove trabalhos, entre artigos, teses e dissertações que tratam do Ensino de

Desenho, sendo duas na EBA/UFMG, três na ECA/USP, três na CAPES, duas na ANPAP e nove no ConFAEB. Nem todos os trabalhos tratam de propostas de metodologias de Ensino do Desenho para os dias atuais, foco desta investigação, por isso foi feita uma segunda seleção, na qual foram mantidos treze trabalhos, realizados no período de 2005 a 2015, que apresento a seguir.

Do banco de teses e dissertações da EBA/UFMG foram pesquisados dois textos. Em sua tese, *Desenho inscrito no corpo*, defendida em 2010, Eugênio Paccelli da Silva Horta trata do Desenho e de seu ensino relacionados ao corpo. Inicialmente por meio dos sentidos - a visão, depois pelo estado corporal em relação ao ato de desenhar e em seguida pela inter-relação entre estes dois estímulos, a visão que provoca um determinado estado corporal. E propõe um desenho com o corpo, que vai além das mãos e dos dedos, que envolve a percepção não apenas do olhar, mas também a percepção muscular, o domínio dos movimentos, da postura, permitindo ao desenhista o uso do corpo por inteiro, a partir de onde surge o desenho, do pensamento. Esta prática é proposta como estímulo a outras e novas formas de percepção, possibilidades para o Ensino de Desenho. O autor afirma ser o desenho fonte matricial do pensamento plástico. Qualifica o sentido da visão, como além de capaz de perceber o meio físico, também capaz de abstração e generalização. E discutindo o que é imagem, apresenta um processo que envolve a imagem e sua criação numa experiência proporcionada pela prática do desenho de observação. É uma reflexão sobre a relação de quem desenha (e seu corpo) com o objeto desenhado. Essas questões fundamentam as oito propostas de aulas para o ensino de Desenho, apresentadas e ilustradas no trabalho e evidenciam a importância da prática do Desenho pelo professor-artista.

Na dissertação *Possíveis travessias: uma possibilidade na formação do arte/educador*, defendida em 2010, Sonia Leite de Assis Fonseca faz uma reflexão acerca das possibilidades expansivas na formação do arte/educador a partir de sua experiência como aluna na Escola Guignard e da analogia do método do desenho de observação estudado nesta escola com os pensamentos filosóficos e literários de Gaston Bachelard e Maurice Blanchot. Desenhar com lápis de grafite duro, usar a borracha o mínimo possível,

desenvolver a observação e a percepção, a leveza do traço, a atenção, a concentração. Esses exercícios ensinados por Guignard em meados do século passado são trazidos à contemporaneidade e fundamentam a construção de uma subjetividade sensível do indivíduo que se pretende arte/educador. Construção que encontra apoio no pensamento de Bachelard, do estar presente, do estar consciente no momento presente, atitude que leva a uma relação de buscar conhecer em sua totalidade o que se observa, o que se vai desenhar. Favorecendo assim, sua relação com o outro e com o mundo e sua compreensão sobre o papel da arte. Já em Blanchot a autora busca a relação do sujeito/artista, do momento solitário da criação com a necessidade de aprofundamento e afastamento de si despertada pela experiência de observação proposta por Guignard.

No banco de dados da ECA/USP, foram investigados dois trabalhos. Na tese *Curso de Desenho por Correspondência*, defendida em 2015, Andréa Paula Pereira Tavares propõe um percurso por uma experiência poética em ensino-aprendizagem de Desenho. Constitui-se de seis fascículos elaborados a partir de colagens de conceitos, pensamentos e definições sobre o Desenho, seu ensino e práticas artísticas contemporâneas, para compor um método que aborda temas frequentes no Ensino de Desenho, como elementos fundamentais, natureza morta e modelo vivo, porém de maneira poética e ampliada. Em cada fascículo uma série de exercícios leva o aprendiz a uma investigação acerca do ato de desenhar, para assim, conhecendo-o, aprendê-lo.

Katia Salvany Felinto Alvares nos traz a dissertação *Rudolf Laban nas Artes Visuais: Fatores do Movimento e o Ensino do Desenho*, defendida em 2005. Para falar deste trabalho, que faz uma ponte entre o Ensino de Artes Visuais e o corpo, início com uma citação de Rudolf Laban nele inserida, “Desenhar não é só pegar um lápis e executar rabisco, existe todo um fluxo de movimento que se estende por todas as articulações do corpo.” (1990, *apud* ALVARES, 2005, p. 9). A autora relaciona os estudos didáticos de Rudolf Laban sobre a exploração expressiva dos movimentos na dança ao Ensino de Desenho para adultos. Buscando possibilidades de promover a ampliação perceptiva, de criação gráfica e contextualização de imagens no ensino-aprendizagem do

Desenho potencializado pela experiência gestual, pela compreensão dos próprios movimentos como forma de pensamento. Ou seja, a autora trata de uma melhora qualitativa na produção plástica do indivíduo que experimenta as possibilidades expressivas dos movimentos de seu próprio corpo, se reconhecendo, descobrindo capacidades renunciadas e bloqueadas pela vida em sociedade. É discutida a ideia de que só é Desenho aquele que representa a realidade, conceito que valoriza o domínio da técnica em busca do ideal da verossimilhança e que é muitas vezes imposto pelas elites manipuladoras do modo de pensar. Essa ‘verdade’ cria dificuldades tanto no ensino quanto na aprendizagem do Desenho, excluindo outras várias possibilidades de desenhar e demarcando realidade apenas como algo externo ao indivíduo.

No banco de teses da CAPES, dos trabalhos encontrados, um se enquadrou nos critérios de seleção dos textos. Na dissertação *Desenho Infantil e Ensino de Artes Visuais em dois livros de Edith Derdyk: bases para um ensino inclusivo*, defendida em 2012, Audrey Hojda, professora de Artes Visuais na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, fala de sua busca constante por um Ensino de Desenho que proporcione às crianças desenharem com propriedade, seja na escola ou em casa, sejam crianças *standards*<sup>4</sup> ou com necessidades especiais. Trata de questões como: crianças que cada vez mais cedo reclamam que não sabem desenhar; a percepção de que a experimentação livre sem apresentação de conteúdo leva a uma estagnação da criança em relação ao seu potencial; o que também é provocado quando é valorizado um resultado que não atinge a proposta da atividade e é considerado um jeito particular de se fazer e não algo a ser melhorado. Essa busca a levou a se aprofundar em suas pesquisas por meio do mestrado, cuja dissertação tem entre seus objetivos relacionar teoria e prática no Ensino do Desenho e criar estratégias de ensino baseadas em conteúdos de Artes Visuais que possam ser aplicadas tanto a crianças *standards*, quanto a portadoras de necessidades especiais, ou seja vislumbrar a diversidade das potencialidades infantis. A autora ressalta a necessidade de aproximar as pesquisas acadêmicas à vivência concreta em sala de aula; a inclusão em

---

<sup>4</sup> Termo usado para designar um comportamento padrão.

Ensino de Artes Visuais e o restrito número de pesquisas sobre o desenho infantil e estratégias de Ensino de Desenho para crianças. Seu trabalho é um estudo de caso em relação ao que diz sobre o ensino-aprendizagem do Desenho, a artista, educadora, ilustradora e designer, Edith Derdyk em dois de seus livros: *Formas de Pensar o Desenho* e *Desenho da Figura Humana*.

Nos anais eletrônicos do 22º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, realizado em 2013, foi pesquisado o artigo *Desenho e pintura: repertório da formação inicial do professor de arte*, de Rosa Iavelberg - USP e Cesar Pereira Cola - Universidade Federal do Espírito Santo, que fala sobre a necessidade do saber fazer para o professor de artes. E assim como o sistema de arte, o ensino-aprendizagem de artes também precisa dialogar com a contemporaneidade. Os autores construíram então, doze propostas de aprendizagem em Desenho e Pintura, doze tematizações sobre seus elementos de construção, estruturais e intelectuais. Não são propostas únicas ou estanques, mas são consideradas fundamentais e eficazes no ensino-aprendizagem de Desenho e Pintura na experiência prática dos autores.

Nos arquivos eletrônicos dos anais dos Congressos da Federação de Arte/Educadores do Brasil, foram selecionados sete trabalhos. No XX Congresso realizado em 2010, Wolney Fernandes de Oliveira, da Faculdade de Artes Visuais - UFG apresentou *De cima do pé de flamboyant para a universidade: Dos absurdos de quem mais aprende do que ensina*. Neste artigo, o autor versa sobre maneiras de atuação no espaço pedagógico que busquem a ampliação dos sentidos no cotidiano, a interpretação do mundo pelo Desenho e a valorização das referências pessoais, repertório para a prática artística. Alternativas ao ensino-aprendizagem do Desenho tradicional que direciona a produção de desenhos como cópia do real e provoca a falsa ideia de que quem não sabe fazer representações realistas por meio do Desenho, não é capaz de desenhar. Também fala sobre a relação daquele que vê com o que é visto e como ambos se influenciam, ou seja, no caso do desenho, como quem desenha constrói uma imagem e como esta mesma imagem o constrói. Suas propostas são experimentadas em sua atuação como

docente em uma turma do curso de Design Gráfico na Universidade Federal de Goiás.

No mesmo ano, José Jaido da Silva Oliveira, aluno do curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais da Escola de Artes Reitora Violeta Arraes Gervaiseau da Universidade Regional do Cariri – URCA e Fábio José Rodrigues da Costa professor do Departamento de Artes Visuais da mesma escola apresentaram o artigo *Passeio pela arquitetura e urbanismo do Crato: um olhar através do desenho de observação*. O trabalho registra uma experiência de estudantes do Curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais, da Escola de Artes Reitora Violeta Arraes Gervaiseau, da URCA - Universidade Regional do Cariri, no estado do Ceará, na disciplina Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais I. Esta experiência preparatória na formação de professores não apenas para dentro da escola, mas também para outros contextos, como museus e centros culturais, foi uma oficina de Desenho e exposição realizada no Centro Cultural do Araripe, localizado numa antiga estação de trem da RFFSA - Rede Ferroviária Federal, na cidade de Crato, Ceará. A proposta foi trabalhar com o público em geral, atividades de desenho de observação na construção de narrativas visuais evidenciando sua relação com a cidade e seus equipamentos culturais ao serem provocados a perceberem a paisagem e sua função social.

No XXI Congresso, em 2011, os mesmos autores do trabalho acima<sup>5</sup> trazem este texto para apresentação do painel, também pesquisado, *Desenho de observação: percepção do espaço: olhares sobre o bairro Cirolândia*. Neste trabalho os pesquisadores continuam seu percurso pelo ensino-aprendizagem do Desenho promovendo experiências com o desenho de observação, desta vez abordando a necessidade de qualificação dos arte-educadores em organizações não governamentais - ONG's. E propõem o [re]conhecimento do lugar onde se vive, o bairro, para depois de mapeá-lo, desenhá-lo e por fim construir um novo mapa ressignificando-o com suas perspectivas adquiridas.

---

<sup>5</sup> Neste arquivo consta o professor Fábio José Rodrigues da Costa com o título de Doutor e a escola como Centro de Artes Reitora Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau da Universidade Regional do Cariri – URCA.

A oficina foi realizada com crianças atendidas pela Sociedade de Educação e Saúde à Família - SESFA, localizada no bairro Cirolândia, em Barbalha - Ceará, que oferece às crianças, além de outras atividades, aulas de arte-educação.

Nos anais de 2012, foram encontrados dois artigos a serem pesquisados. *Corpos em movimento, corpos desenhados e que desenharam*, foi apresentado por Nádia da Cruz Senna e Jailson Valentim dos Santos, ambos da Universidade Federal de Pelotas. Para tratar deste artigo, faço uso agora do resumo que abre sua publicação:

O presente relato contempla o processo vivenciado, durante o ano de 2012, junto ao projeto de pesquisa, ensino e extensão "Experienciando o Desenho". Compreende um curso com ênfase no desenho, oferecido a alunos do ensino fundamental de uma escola pública, no entorno da Universidade Federal de Pelotas; bem como, as demais ações decorrentes do processo. O projeto concebe o desenho em sentido ampliado, segundo uma metodologia aberta que inclui o repertório individual e se apropria dos acasos para garantir e oportunizar as crianças, a ressignificação de seu mundo através das especificidades da linguagem da arte. Dentre as atividades gráficas destacam-se o desenho de observação, a percepção do espaço, o desenhar com o corpo todo, o desenho do corpo, a experimentação com suportes variados e a proposição de práticas instigantes, visando ampliar a percepção visual e a vivência artística das crianças. (SANTOS; SENNA, 2012, p. 1)

Este trabalho fala de uma experiência de Ensino de Desenho que é um convite a vivenciar o Desenho de forma significativa, estimulando os sentidos e a expressão das sensações graficamente, desenvolvendo percepções e conhecimento, contribuindo para a educação estética do indivíduo.

No próximo texto pesquisado, *Fundamentos da prática do desenho na escola*, também apresentado em 2012, Maria Helena Wagner Rossi da Universidade de Caxias do Sul afirma que ainda que os arte-educadores brasileiros sejam contrários à prática instaurada desde os primórdios do Ensino de Arte no Brasil, do Desenho como cópia de modelos prontos e importados, ainda há poucas reflexões críticas sobre as práticas atuais de ensino-aprendizagem do Desenho, muito comumente pautadas na livre expressão. Discute, assim, as

influências do Empirismo e do Apriorismo no Ensino de Arte no Brasil e propõe uma abordagem contemporânea no Ensino do Desenho, o Interacionismo, que pressupõe uma interação entre sujeito e objeto, que é, além daquilo que se desenha, a própria linguagem do Desenho. Afirma ainda, ser o Desenho uma atividade raramente ensinada nas escolas e ao mesmo tempo algo que a maioria das pessoas necessita de seu ensino para aprendê-lo, do contrário perdem seu interesse por fazê-lo ou buscam aprender a desenhar com materiais de qualidade questionável, como os desenhos estereotipados. E diz, “Parece, então, que o ensino do desenho na abordagem contemporânea visa à autonomia do sujeito que desenha.” (ROSSI, 2012, p. 10).

Do XXIV Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil em 2014, foi pesquisado o trabalho *O ensino de artes visuais e a lógica nômade: o desenho como elemento à formação do artista-professor-pesquisador*, escrito por Rafael de Sousa Carvalho e Gilberto Andrade Machado, respectivamente aluno e professor do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal do Ceará - IFCE. Este texto trata de como fazer da escola, espaço que favoreça o ensino-aprendizagem de Artes Visuais com práticas educativas baseadas na Arte Contemporânea, explorando as possibilidades sensíveis do Desenho. Para tanto, o autor propõe ir além dos meios tradicionais e de fórmulas desgastadas de ensino-aprendizagem do Desenho, por meio de oficinas divididas em três módulos. O primeiro módulo trata dos conceitos do Desenho, da estrutura da linha. O segundo trata da expressividade, do gestual. E o terceiro trata do Desenho como experiência, do deslocamento da linha no espaço e do espaço do Desenho.

Ainda neste ano de 2014, foi apresentado no XXIV ConFAEB o trabalho *Sombra, indeterminação e incompletude: o processo de criação como dinâmica para o Ensino do Desenho*, por Jamerson Sérgio Passos Rezende, à época, graduando em Artes Visuais, nas modalidades Licenciatura e Bacharelado, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia - MG. Relato de pesquisa que faz uma reflexão acerca do desenho de observação, como registro do real, ou seja, imagem final e de como este desenho pode ser autônomo, enquanto processo. Abordando então, um

enfoque processual, o autor produz uma série de desenhos de memória, de observação e criação, a partir de questionamentos sobre o objeto e a sombra. Tal experiência leva-o a vislumbrar possibilidades de sua aplicação no Ensino do Desenho.

Todas estas reflexões apontam caminhos para a busca de um ensinar-aprender Desenho na contemporaneidade. Caminhos que no capítulo seguinte, continuarão sendo percorridos, neste mapa, que se desenhou, de possibilidades a serem desvendadas.

### **3. A CHEGADA, OU MELHOR, PONTOS DE PARTIDA - COMO ENSINAR-APRENDER DESENHO NA CONTEMPORANEIDADE**

Neste relato da busca por propostas e experiências em Ensino de Desenho, pode-se dizer que várias são as possibilidades, mas todas enfatizam a importância e a necessidade do Ensino do Desenho de forma ampliada e autônoma.

São exemplos de metodologias para o Ensino de Artes Visuais que abordam o Desenho como prática educativa artística e sugerem métodos que direcionam atividades a serem aplicadas e experimentadas na sala de aula ou fora dela.

Dentre os treze trabalhos observados, três abordam uma metodologia do Ensino do Desenho a partir da percepção e consciência do próprio corpo, explorando os movimentos e o Desenho com o corpo inteiro; três relacionam metodologias e técnicas de Ensino do Desenho a questões filosóficas e poéticas, sendo que um deles sugere tal processo no Desenho de observação para a formação de arte-educadores, outro sugere um curso por fascículos e o terceiro, a criação de uma narrativa visual no Ensino de Desenho em cursos de graduação; mais dois trabalhos tratam do Ensino do Desenho na formação de professores-artistas; dois falam do Desenho infantil e de metodologias para o Ensino de Desenho na escola; em três a metodologia sugere a prática do desenho de observação, sendo que dois enfocam o Desenho da paisagem da cidade como forma de aproximar, pelo estágio, o futuro professor de Arte à sua prática profissional e por último, um trabalho propõe o Desenho de observação como metodologia para o Ensino do Desenho, pelo viés processual da Arte, enfocando principalmente a sombra como elemento de construção e significação da obra.

Vemos a seguir, um pequeno compêndio com as metodologias relatadas nos trabalhos pesquisados.

#### **3.1. Desenho com o corpo**

Edith Derdyk nos diz sobre o Desenho da criança algo que podemos ampliar para os três trabalhos seguintes, “desenhar em pé, sentado, deitado, geram consequências e posturas distintas da relação da criança com a mão, com o olho, com os sentidos, com o instrumento, com o suporte, com o espaço.” (1989, p. 64). E completa, “No ato de desenhar, a criança é o papel, o lápis, a linha, o objeto [...] Desenhar concretiza material e visivelmente a experiência de existir.” (1989, p. 64).

### **3.1.1. *Desenho inscrito no corpo* - Eugênio Paccelli da Silva Horta**

Neste trabalho o autor propõe uma metodologia de Ensino de Desenho a partir da percepção e da consciência do próprio corpo. Refletindo sobre como pensamos nosso corpo, sua relação com outros corpos, com o movimento, com o espaço, com espaços insondáveis, liminares, com o espaço-tempo e com o mundo. O autor/pesquisador, artista/professor, afirma ser o desenhista, ‘a pergunta’, enquanto a realidade, ‘a resposta’. Nesse conjunto, o desenho de observação, cada linha, cada ponto, seriam perguntas e compreensão da realidade, ao mesmo tempo. Ato cognitivo. Lugar onde teoria e prática coexistem. Lugar propício para a experiência do professor-artista, enquanto criador de metodologias e aulas que se insiram em seu percurso poético e plástico. O trabalho traz a proposta de oito aulas que integram desenho e corpo, numa exploração sensível de conceitos e percepções. Abaixo, uma síntese das aulas:

Aula I - Apresentação dos alunos, do professor e da disciplina

Exercício 1 - Apresentação pessoal / contar experiências e preferências relacionadas ao desenho. O professor deve observar a expressão do aluno.

Exercício 2 - Desenhos de observação de modelo - observar postura do aluno, consciência e percepção do corpo / há uma tendência à postura da escrita, atitude do traço se aproxima mais à ação da escrita que ao ato do desenho / usar o corpo em sua totalidade para pensar e fazer uso da linha.

Aula II - As articulações do corpo e suas consequências na elaboração do traço

Exercício 1 – Na prancheta, folha e lápis. Começar desenhando com as duas mãos, movimentando as articulações dos dedos, depois acrescentar movimentos das articulações dos pulsos, cotovelos e ombros. Pausa. Observar a qualidade da linha (espessura, fluidez, rigidez, ritmo, tons, diferença dos grafites, etc.) em cada movimento e a expansão, ocupação que proporciona no papel. Acrescentar articulações da coluna e do quadril. Observar a ultrapassagem dos limites do papel. Depois joelhos e pés. O desenho sai da prancheta para a prancheta do colega, para o solo, para o redor. Um desenho já acabado diz muito do corpo de seu autor.

Exercício 2 – Desenho de modelo, corpo inteiro / luz e volume apenas com linhas / estruturar o desenho pelas articulações do modelo

### Aula III - Eixos Horizontal, Vertical e Diagonais

Exercício 1 – Em grupo, em círculo, um aluno se posiciona no centro, com o corpo rígido como um eixo vertical e pende em direção aos colegas que o posicionam em diagonais no espaço.

Exercício 2 – Com um olho fechado, segurar o lápis com o braço esticado para observar os eixos, proporções, linhas, medidas. Desenhar o modelo ereto, com lápis vermelho (que não apaga) traçando eixos vertical e horizontal como base para a percepção das diagonais.

### Aula IV - Ossos e Músculos: Estruturas Internas do Corpo que Auxiliam na Construção do Desenho

Exercício 1 – Em filas e em duplas os alunos fazem massagens percebendo o corpo do colega, ombros, rosto, coluna, quadril.

Exercício 2 – Desenhar as partes do corpo tendo como referência ossos e músculos para demarcar planos.

### Aula V - Fluxos, Percursos, Ritmo e Linha

Exercício 1 – Perceber os ritmos e fluxos corporais – respiração, pulsação, sangue, alimentos. Imaginar esse desenho. Fazer movimentos mínimos e ir aumentando progressivamente, no chão, de joelhos, na ponta dos pés, saltos. Traçar no chão percurso que sugira ritmo. Caminhar experimentando com o corpo cada ritmo.

Exercício 2 – Desenho cego e minucioso, sem tirar o lápis do papel / silhueta de modelo corpo inteiro – mais tempo à análise do modelo e menos ao resultado no papel. Desenhar agora por partes, reposicionando o lápis ao término de cada uma e acrescentando detalhes.

#### Aula VI - Proporções do Corpo

Exercício 1 – Caminhar pela sala, ocupar o espaço, ritmos variados. Para. E a uma ordem o aluno encosta duas partes do corpo ditas pelo professor. Várias vezes. Fazer o mesmo em duplas, encostando a parte pedida, na do colega. Observar proporções e medir o outro – em palmos, antebraços, braços.

Exercício 2 – Observar proporções no modelo: altura, largura / eixo vertical – o que está mais perto e mais longe do eixo / eixo horizontal nos pés / fazer um desenho realista e um poético usando essas observações.

#### Aula VII - Formas Básicas

Exercício 1 – Caminhar pela sala, lentamente, rapidamente, correndo. Para e forma um grupo de x pessoas. Quem ficar de fora, aguarda. Até restarem só dois alunos / Fazer desenhos com o corpo – formas planas (quadrado, triângulo, círculo), individualmente, volumes, em dupla.

Exercício 2 – Fazer um desenho do modelo de corpo inteiro no cavalete com movimentos vigorosos e apenas linhas retas / Realizar um desenho do modelo de corpo inteiro (tempo de 10 minutos para elaborar o desenho) executando traços vigorosos e utilizando somente formas triangulares, depois quadradas, depois circulares / Fazer um desenho do modelo de corpo inteiro utilizando formas geométricas básicas em representações tridimensionais.

#### Aula VIII - Massa, Volume e Tato: Tocar com os Olhos

Exercício 1 – Sentir com os dedos, textura, forma, temperatura da prancheta, do papel, do rosto. Perceber as diferenças.

Exercício 2 – Fazer um desenho do rosto. Com o dedo indicador de uma mão toca-se o rosto, com a outra mão se segura o lápis. Nas depressões, maior pressão do lápis, nas saliências, leveza. Percorrer todo o rosto. Começar com lápis amarelo, depois passar para o azul e depois o vermelho.

### **3.1.2. Rudolf Laban nas artes visuais: fatores do movimento e o ensino do desenho** - Katia Salvany Felinto Alvares

A autora explora os fatores do movimento estudados e propostos por Laban – Espaço, Peso, Tempo e Fluência – transpondo seus princípios para o Ensino de Desenho. Por vezes, relaciona os exercícios de desenho inspirados nos fatores do movimento a artistas e suas obras, como forma didática de referenciar sua teoria. Propõe para o fator Espaço, seis atividades. Para o fator Peso, duas atividades. Para o fator Tempo, seis atividades e para o fator Fluência, a autora apresenta uma série de ações-registro de alunos seus e analisa-os sob as características de tal fator. A autora diz preferir que os iniciantes usem minimamente a borracha e recomenda uso de materiais e suportes básicos, para depois introduzir os mais sofisticados. O início das práticas é feito com a execução de linhas retas e curvas para a desinibição do primeiro contato com a folha em branco.

### **3.1.3. Corpos em movimento, corpos desenhados e que desenharam** - Nádya da Cruz Senna / Jailson Valentim dos Santos

Nesta proposta de ensino de um desenho ampliado e criativo foi aplicada uma metodologia aberta à bagagem de referências de cada aluno e à apropriação dos acasos. O público foi composto de alunos da quarta série, de nove a quatorze anos. O desenho foi abordado em suas relações com o corpo, a saber, a percepção e conhecimento do corpo que desenha, o desenho do corpo, do gesto, da figura no espaço público, em práticas individuais e grupais. Em busca de ampliar repertórios, ultrapassando a noção de modelos e estereótipos padronizados pela mídia. A prática foi fundamentada pelo aporte teórico dos seguintes autores: Marly Meira e Silvia Pilloto (reflexões acerca da arte e do afeto); Edith Derdyk e Rosa Iavelberg (investigações sobre o grafismo infantil e o desenho da figura); Miriam Celeste Martins (concepção da arte como propulsora do conhecimento e a expedição como estratégia de ensino) e João Francisco Duarte Junior (educação do corpo e sentimentos através da arte). Os alunos experimentam superfícies, posturas, materiais e instrumentos variados. Assim como seu corpo por inteiro, seus sentidos, a fim

de se expressarem graficamente. A escolha do corpo como origem e objeto do Desenho ganha embasamento em sua importância nas Artes Visuais contemporâneas, na qual vai além da representação. Para 'o desenho do corpo' foram propostos o desenho de personagem a partir de vários procedimentos como desenho em grupo, a partir de narrativas, recorte e colagem; o desenho do colega e a explicação sobre as possibilidades de uso das tecnologias na produção de imagens. Foram usadas como referência imagens da história da Arte e imagens do mundo cotidiano contemporâneo. Para os 'corpos em movimento', os alunos saíram em expedição para o exercício do olhar e a percepção do espaço fora da sala de aula, ativando todos os sentidos, inclusive no entorno da escola, no espaço da rua e em espaços culturais, como experiência de fruição artística.

### **3.2. Filosofia e poéticas**

Segundo Coelho,

“Os diferentes modelos de como desenhar respondem às diversas possibilidades de expressar o mundo que observamos e o modo como o compreendemos. E é entre o que se observa e o que se compreende que aparecem as dificuldades de desenhar” (COELHO, 2008, p. 56).

Os trabalhos seguintes versam sobre como perceber o mundo, pensar o mundo, estar no mundo, como ensinar-aprender Desenho poeticamente e como, assim, nos expressarmos.

#### **3.2.1. Possíveis travessias: uma possibilidade na formação do arte/educador** - Sonia Leite de Assis Fonseca

A metodologia aplicada por Guignard, trazida à prática na contemporaneidade, ganha ainda mais importância ao se revelar – sustentada por autores como Gaston Bachelard e Maurice Blanchot – na pesquisa de Sonia Leite, despertadora de qualidades sensíveis imprescindíveis ao arte-educador contemporâneo. O Desenho de observação com lápis duro e uma observação rígida propiciam um distanciamento de si e uma aproximação com o mundo e

com o outro, pelo silêncio e a quietude, uma consciência do momento presente, um afloramento da subjetividade sensível e de um imaginário fértil, uma formação pela expansão do ser. Atributos cada vez mais necessários ao indivíduo no mundo de hoje e que potencializados pelo Ensino do Desenho podem, assim, fazer parte da formação de um sujeito com possibilidades ampliadas de perceber o mundo e atuar nele.

### **3.2.2. Curso de desenho por correspondência** - Andréa Paula Pereira Tavares

Reflexão sobre o que é o desenho, passeio poético, conceitual e filosófico pela história do Desenho, pelos seus elementos constituintes e pela técnica de sua construção ao mesmo tempo em que pelos exercícios propostos, buscando a experiência no Desenho. O conteúdo dos fascículos é o seguinte:

#### Fascículo 1 - Elementos Fundamentais (17 exercícios)

Ponto e linha; pontos e linhas; grade; grade/trama; traço livre horizontal; traço livre vertical; mancha/plano; escala de valor tonal; manchas e aguadas; elementos decorativos; e assim ao infinito; pedra; esfera; cubo; garrafa; olho; profundidade.

#### Fascículo 2 - O Espaço (10 exercícios)

O vazio; um espaço; o quarto; o espelho; espaço relacional; ressaca; lugar; um lugar; a paisagem; o vazio.

#### Fascículo 3 - Natureza Morta (14 exercícios)

Imagem; composição I; a natureza; a visão; composição II; fonte luminosa; perseverança; objetos; naturalismo; pacto ficcional; máquina; um objeto; o destino; solidão.

#### Fascículo 4 - Modelo Vivo (14 exercícios)

Observação do modelo; o modelo; simulacro; visão; corpos sutis; corpos ocultos; pânico; nu; autorretrato; mamífero; animal vertebrado; coletor; o exprimível; imagem dialética.

Fascículo 5 - Memória e Invenção (10 exercícios)

Luz; uma mulher; um rosto; forma; autorretrato; torso; o vazio; você; o visível e o invisível; a imagem.

Fascículo 6 – Multidão

Lista de abreviações, imagens, autores, artistas e produtores referenciados no texto por meio de um sistema de referência próprio, criado para o trabalho.

### ***3.2.3. De cima do pé de flamboyant para a universidade - dos absurdos de quem mais aprende do que ensina*** - Wolney Fernandes de Oliveira

Criação de um “Livro dos Absurdos”, caderno com desenhos que respondessem à questão: “O que é o absurdo?”. Cada aluno teve duas páginas, de papéis variados, para fazer seus desenhos. A proposta foi estimular a criação de desenhos que ultrapassassem o figurativo e sugerir o modo compartilhado e complexo pelo qual o Desenho se processa, seja na relação com o outro, seja na relação com o mundo simbólico e cultural. O caderno circulava por grupos formados pelos alunos. Em cada grupo os integrantes elaboravam seus desenhos de acordo com sua dinâmica interna - ordem, tempo, influências, conteúdo, forma, produção.

## **3.3. Formação de professores-artistas**

Nos próximos trabalhos, vemos que, para o professor de Artes Visuais, tão importante quanto ensinar Desenho, é fazer Desenho. Segundo Derdyk (1989), não se pode ensinar e avaliar o processo e o resultado gráficos, sem nunca ter passado por eles, sem os ter vivido. Sendo, assim, a vivência prática do sensível e o estar em formação, fundamentais para o professor-artista.

### ***3.3.1. Possíveis travessias: uma possibilidade na formação do arte/educador*** - Sonia Leite de Assis Fonseca (Já descrito em Filosofia e poéticas)

### **3.3.2. Desenho e pintura: repertório da formação inicial do professor de arte** - Rosa Iavelberg / Cesar Pereira Cola

Os autores trazem 12 tematizações relacionadas ao Desenho e à Pintura, para orientar professores em formação inicial em Artes. São propostas de abordagem de conceitos e técnicas que podem auxiliar tais professores com relação a comportamentos e procedimentos artísticos peculiares a alunos e professores nas aulas de Artes. São elas: figuração x abstração; luz e sombra; figura e fundo; técnicas ou procedimentos; cores, tons e brilhos; teorias sobre estilos pessoais; volumes; verticais, horizontais e diagonais; retas e curvas; equilíbrio e desequilíbrio; atmosfera do desenho; experimentação técnica. Trazem fundamentações teóricas elucidativas e acessíveis. As tematizações trazem também exemplos de referências de artistas e obras que podem ser usadas nas aulas

### **3.3.3. O ensino de artes visuais e a lógica nômade: o desenho como elemento à formação do artista-professor-pesquisador** - Rafael de Sousa Carvalho / Gilberto Andrade Machado

Trabalho que propõe ao artista-professor-pesquisador pensar uma prática que vai além dos meios tradicionais do Desenho, explorando sim, seus elementos e conceitos, mas principalmente suas possibilidades práticas sensíveis e poéticas; bem como destacar a postura observadora do professor frente ao espaço de trabalho interagindo com sua dinâmica cotidianamente. Foram realizadas oficinas de Desenho, Pintura e Fotografia no Programa Institucional de Iniciação a Docência – PIBID do Curso de Licenciatura em Artes Visuais - CLAV do Instituto Federal do Ceará – IFCE. A oficina de Desenho foi dividida em três módulos: **Desenho como Ciência; Desenho como Expressividade; Desenho como Experiência**. O módulo **Desenho como Ciência** apresentou a categoria Desenho, o elemento linha e explorou conceitos básicos e clássicos: a natureza bidimensional, a representação da figura humana, a perspectiva, o desenho de observação. **Desenho como Expressividade** trouxe o gestual da própria ação de desenhar, o desenho com o corpo e não apenas com a mão ou com um lápis. Em **Desenho como Experiência** lança-

se um desafio: como se comportaria a linha - uma sucessão de pontos num plano bidimensional - no espaço? Trata-se de pensar o Desenho tanto como resultado material quanto como espaço de efetivação, como gesto, percurso. Considerando o processo de construção da imagem como a própria obra, muito mais que o produto e buscando o cruzamento entre linguagens, foram propostas e concretizadas outras oficinas de Desenho em campo expandido. Fora da sala de aula foram feitos desenhos com pregos contornando a sombra de uma árvore projetada na parede, sendo posteriormente unidos com fios de lã ou ainda uma experiência com pedaços de fita adesiva preta, partindo de uma forma geométrica e se desenvolvendo com a própria experiência.

### **3.4. Desenho infantil e o Ensino do Desenho na escola**

O desenho manifesta o desejo de representação, mas também o desenho, antes de mais nada, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial. (DERDYK, 1989, p. 51).

#### **3.4.1. *Desenho infantil e ensino de artes visuais em dois livros de Edith Derdyk: bases para um ensino inclusivo* - Audrey Hojda**

A autora sistematiza a proposta teórica sobre o desenho infantil apresentada por Edith Derdyk em seus dois livros e a relaciona ao trabalho de diversos teóricos que também trataram deste tema. Ao falar de inclusão, a autora esclarece que ela se dá por motivos sociais, econômicos ou por necessidades especiais geradas por déficits físicos e/ou neurológicos.

#### **3.4.2. *Fundamentos da prática do desenho na escola* - Maria Helena Wagner Rossi**

Este trabalho sugere o Interacionismo como abordagem contemporânea no Ensino do Desenho em oposição ao Empirismo da Escola Tradicional e ao Apriorismo modernista disseminado pela Escola Nova. No enfoque interacionista a criança constrói seu conhecimento em Desenho pela sua interação com este, interação entre sujeito e objeto, entre quem desenha e a

linguagem do Desenho. O interacionismo não nega o desenho da criança como expressão de sua individualidade, de seu mundo e de sua subjetividade, mas considera que a atuação ativa do professor no Ensino do Desenho é importante e necessária para o aprendizado. Tal abordagem metodológica parte do princípio de que se deve evitar os exercícios com modelos estereotipados, autoritários e também o 'deixar fazer' sem um objetivo. Deve-se buscar um equilíbrio que valorize a expressão da criança e ao mesmo tempo lhe dê subsídios para o desenvolvimento de sua habilidade criativa e técnica no Desenho.

### **3.5. Desenho de observação**

Ensinar Desenho [...] é ensinar a utilizar essa habilidade da mão, mas é também ensinar a perceber o mundo, a observar o mundo. Essa é uma prática que está intrínseca ao Desenho de observação. Mas o objetivo não é necessariamente, primeiramente ter fidelidade. Porque se pode criar uma diversidade de caminhos nessa prática. Então, o exercício é desenhar e observar. (COELHO in AULA, 2014).

#### ***3.5.1. Passeio pela arquitetura e urbanismo do Crato: um olhar através do desenho de observação*** - José Jaildo da Silva Oliveira / Fábio José Rodrigues da Costa

Inicialmente, os propositores da ação educativa buscaram se aproximar do Centro Cultural do Araripe para entenderem sua dinâmica de funcionamento o que lhes deu embasamento para criar o plano de estágio. Lá se encontrava uma exposição sobre a evolução da arquitetura e urbanismo do Crato, que inspirou o tema da oficina. Durante cinco dias foi realizada uma oficina de Desenho de Observação em que os participantes puderam observar o centro da cidade, sua arquitetura, atentando para detalhes que normalmente passam despercebidos, exercitando o ver, o olhar, o perceber o mundo. A atenção e o olhar aguçado dos participantes se desenvolveram a cada exercício. Desenho do todo e detalhes, perspectiva, luz e sombra, desenho de memória, diferentes pontos de vista. Ao final da oficina, em uma visita ao Centro Cultural os alunos

puderam estabelecer um diálogo tanto entre seus desenhos produzidos e as imagens expostas, quanto entre seus modos particulares de ver e desenhar.

**3.5.2. Desenho de observação: percepção do espaço: olhares sobre o bairro Cirolândia** - José Jaido da Silva Oliveira / Fábio José Rodrigues da Costa

O público desta experiência foi composto por crianças entre nove e onze anos, na maioria meninos. Inicialmente foram instigados a fazerem um desenho de memória de suas casas, com os elementos ao redor. Houve em seguida uma explanação sobre o pertencimento de cada um no mundo: família, casa, rua, bairro, cidade, mundo. Como ferramenta nesta etapa, foi usada a plataforma *Google Earth*. Foi feito, então, um percurso nas ruas do bairro fazendo um mapeamento de um recorte deste, a área em volta da ONG onde se realizou a oficina. Observando seus elementos, as fachadas das casas, dos comércios, igrejas e escolas, fotografando-os e desenhando-os, construindo o mapa com a localização dos locais desenhados e das ruas. Usava-se papel A4, depois o desenho foi ampliado em uma cartolina. Eram orientados a observarem os pontos cardeais, tendo o sol como referência, explorando as linhas (retas e curvas, horizontais e verticais), as proporções, as perspectivas, luz e sombra, tipos de luz e suas direções. Esses conteúdos eram intercalados com demonstrações práticas no local utilizando por vezes a fotografia - recurso que estimulou bastante os alunos que nem sempre eram frequentes às aulas. Como forma de motivar e envolver os alunos, estes também fizeram registros dos momentos, em vídeo. Para conhecer melhor a história do bairro Cirolândia e compará-lo a outros locais da cidade, foram feitas uma visita a um senhor morador do bairro e uma visita ao centro histórico da cidade - Barbalha. O senhor Aurino Saraiva falou sobre a origem do bairro e de seu nome e no centro histórico os alunos puderam observar e desenhar a arquitetura antiga dos casarões, conhecendo e vivenciando um local fora de seu cotidiano. Na etapa final os alunos desenharam o mapa de um bairro em que gostariam de viver, criando sua própria cartografia.

**3.5.3. Sombra, indeterminação e incompletude: o processo de criação como dinâmica para o Ensino do Desenho** - Jamerson Sérgio Passos Rezende

No Desenho enquanto processo o acaso, os materiais, o meio externo, a expressividade, são fatores de apreciação. A construção da imagem a partir de um referencial real e sua representação em um suporte com o uso de materiais diversos pode se tornar um momento e um processo de observação e percepção também do espaço, de nossas relações com o objeto, com o público que verá a obra e com o mundo e assim, nossa forma de significação de conceitos presentes nos objetos e, portanto, na vida cotidiana. Leveza, peso, ocupação do espaço, contrastes, valor tonal, sombra, elementos que podem indicar o acabamento/inacabamento da obra, sua autonomia e suas características qualitativas enquanto figurativa ou abstrata. A observação foi a metodologia escolhida para esta experiência em Desenho, pautada pelas abordagens metodológicas de Sandra Rey em relação à execução de uma obra: concepção, procedimentos e conceituação. Sendo que um quarto momento pode ser acrescentado ao processo, buscar um contínuo desdobramento da imagem produzida, ao se voltar para ela após a conceitualização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS - A CAMINHADA

No histórico traçado no capítulo 1, fundamentado em Ana Mae Barbosa, Juliana Goulthier, Lucia Gouvêa Pimentel e Sâmara Santana, observa-se que o Ensino de Desenho no Brasil, assim como o Ensino de Artes Visuais no qual se insere, tem tido, desde seus primórdios, uma importância irrelevante no currículo escolar, se comparada ao potencial que teria a oferecer à educação no país tanto como experiência estética, quanto como fonte de conhecimento e instrumento de emancipação intelectual do indivíduo.

O Desenho enquanto categoria artística, passível de ser aprendido e ensinado, é contemplado pelas falas de Edith Derdyk, Rodrigo Borges Coelho, Silvio Dworecki e Teresa Poester que estimulam a reflexão acerca do que é o Desenho, afirmando seu lugar como matriz do pensamento plástico e do entendimento da obra de arte; sua potencialidade na apreciação da Arte, na análise e posicionamento críticos frente a Arte e o mundo e na criação artística - processos constituintes da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e suas possibilidades expressivas e gráficas.

O Desenho é um campo aberto. A prática do Desenho na contemporaneidade extrapola a representação da realidade – muito possível por meio de recursos como a fotografia, por exemplo – para se afirmar como experimentação artística, categoria autônoma, híbrido em suas possibilidades de execução. Apesar de nem sempre o Ensino de Arte acompanhar o pensamento e as produções artísticas de seu tempo, o Ensino do Desenho nos dias atuais, no que diz respeito às pesquisas acadêmicas, é proposto como um Ensino de Desenho expandido, que busca ampliar a percepção, a sensibilidade, o potencial criativo e, também, técnico do aprendiz.

Nos trabalhos analisados são percebidas diferentes linhas de pensamento. Alguns pesquisadores interpretam a Arte como linguagem, outros como percepção cognitiva. Mas concordam em muitos pontos, como a emancipação intelectual deflagrada pela experiência do aprendizado do Desenho.

Os trabalhos foram agrupados pelas características principais de suas metodologias, mas cada um poderia se enquadrar em diversos desses grupos, já que compartilham de muitos aspectos do processo de ensinar-aprender Desenho, como a observação, a memória, a criação, o movimento, a percepção sensorial, a atenção, a escolha, o recorte, a análise. Mesmo os trabalhos que não tratam diretamente da formação do professor-artista, deixam evidente sua importância, enfatizando a necessidade de uma vivência prática em artes e da continuidade em ambos os processos, condições que promovem conhecimento e sensibilidade para lidar tanto com o conteúdo, quanto com a produção e as questões dos alunos.

A pesquisa que aqui registro em forma de monografia foi apenas um passo para uma caminhada que pode ser muito mais longa. Experimentar as propostas dos trabalhos selecionados seria um possível desdobramento. Assim como a criação de um material didático para o Ensino de Desenho, inspirado nestas e em outras propostas; uma pesquisa sobre o fazer artístico de artistas que trabalham com o Desenho de forma expandida, por meio de conversas, entrevistas, visitas aos ateliês, aulas, etc., registrando seus processos de trabalho e/ou ensino; a catalogação destes processos; ou mesmo, pesquisa e desenvolvimento de uma proposta própria de Ensino de Desenho, já que diante do universo pesquisado, nota-se o pequeno o número de pesquisas sobre este tema.

Muitas foram as perguntas e muitas foram as respostas, não há apenas uma resposta certa, um único caminho. As possibilidades para o Ensino do Desenho contemporâneo, assim como o próprio Desenho contemporâneo são múltiplas, mas precisam chegar até as escolas. É aí que entra o professor de Artes. O professor-artista-pesquisador. Ele é a ponte. Sem a ponte é bem mais difícil seguir no caminho interrompido. Muitos desenhos e modos de desenhar ficam estagnados, distraídos pelos desenhos estereotipados que surgem na estrada. É preciso muito trabalho para que o ensino formal do Desenho e de Arte no Brasil se recupere dos desmazelos sofridos até os dias de hoje, mas cabe, também, aos professores-artistas-pesquisadores, em formação ou em atuação, buscarem e traçarem novos caminhos no seu cotidiano.

## REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Katia Salvany Felinto. **Rudolf Laban nas artes visuais: fatores do movimento e o ensino do desenho.** Orientadora: Regina Stela Barcelos Alvares. 2005. 187 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27131/tde-11032013-153932/pt-br.php>> Acesso em: 30 set. 2015.

**aula\_rodrigo\_borges\_ceeav\_10\_05\_2014.** - Aula da disciplina Desenho e Ilustração - Prof. Rodrigo Borges no polo Juiz de Fora. (140 min e 04 seg). Disponível em: <[http://www.mediafire.com/watch/6d5m35sva6qh6tq/aula\\_rodrigo\\_borges\\_ceeav\\_10\\_05\\_2014.wmv](http://www.mediafire.com/watch/6d5m35sva6qh6tq/aula_rodrigo_borges_ceeav_10_05_2014.wmv)> Acesso em: 20 jun. 2015.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil.** 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CARVALHO, Rafael de Sousa; MACHADO, Gilberto Andrade. Ensino de artes visuais e a lógica nômade: o desenho como elemento à formação do artista-professor-pesquisador. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DA ARTE/EDUCADORES / XXIV CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DA ARTE/EDUCADORES DO BRASIL, 24., 2014, Ponta Grossa. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.isapg.com.br/2015/html/areas/Artes%20Visuais/4/16.pdf>> Acesso em: 01 out. 2015.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho: Desenvolvimento do grafismo Infantil.** São Paulo: Scipione, 1989.

**Desenho: arte e criação.** Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/dvdtca/catalogo/dvd/91/>> Acesso em: 07 set. 2015.

FONSECA, Sonia Leite de Assis. **Possíveis travessias: uma possibilidade na formação de arte/educadores.** Orientadora: Lucia Gouvêa Pimentel. 2010. 90 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JSSS-8BSMND/disserta\\_o\\_sonia\\_leite\\_de\\_assis\\_fonseca.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/JSSS-8BSMND/disserta_o_sonia_leite_de_assis_fonseca.pdf?sequence=1)> Acesso em: 30 set. 2015.

HOJDA, Audrey. **Desenho infantil e ensino de artes visuais em dois livros de Edith Derdyk**: bases para um ensino inclusivo. Orientadora: Maria Lúcia Batezat Duarte. 2012. 223 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <[http://www.tede.udesc.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3095](http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3095)> Acesso em: 01 out. 2015.

HORTA, Eugênio Paccelli da Silva. **Desenho inscrito no corpo**. Orientadora: Lucia Gouvêa Pimentel. 2010. 199 f. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JSSS-8DNH8A>> Acesso em: 30 set. 2015.

IABELBERG, Rosa; COLA, Cesar Pereira. Desenho e pintura: repertório da formação inicial do professor de arte. In: ENCONTRO NACIONAL ANPAP, 22., 2013, Belém. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/comites/eav/Rosa%20lavelberg%20e%20Cesar%20Pereira%20Cola.pdf>> Acesso em: 01 out. 2015.

OLIVEIRA, José Jaildo da Silva; COSTA, Fábio José Rodrigues. Desenho de observação: percepção do espaço: olhares sobre o bairro Cirolândia. In: XXI CONFAEB, 21., 2011, São Luís. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://faeb.com.br/livro/Paineis/desenho%20de%20observacao.pdf>> Acesso em: 01 out. 2015.

OLIVEIRA, José Jaildo da Silva; COSTA, Fábio José Rodrigues. Passeio pela arquitetura e urbanismo do Crato: um olhar através do desenho de observação. In: VII SEMINÁRIO DO ENSINO DE ARTE DO ESTADO DE GOIÁS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES CONTEMPORÂNEAS E CONFAEB - 20 ANOS, 20., 2010, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://faeb.com.br/wp-content/uploads/2012/08/XX-CONFAEB.pdf>> Acesso em: 01 out. 2015.

OLIVEIRA, Wolney Fernandes. De cima do pé de flamboyant para a universidade - dos absurdos de quem mais aprende do que ensina. In: VII SEMINÁRIO DO ENSINO DE ARTE DO ESTADO DE GOIÁS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES CONTEMPORÂNEAS E CONFAEB - 20 ANOS, 20., 2010, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://faeb.com.br/wp-content/uploads/2012/08/XX-CONFAEB.pdf>> Acesso em: 01 out. 2015.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.); COELHO, Rodrigo Borges. **O Desenho ou A Vontade do Seguinte**. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. v. 2.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.); GOUTHIER, Juliana. **História do Ensino da Arte no Brasil**. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. v.1.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.); PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Metodologias do Ensino de Artes Visuais**. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. v.1.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.); SANTANA, Sâmara. **Fundamentos de Ensino de Artes Visuais**. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais – Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008. v.1.

REZENDE, Jamerson Sérgio Passos. Sombra, indeterminação e incompletude: o processo de criação como dinâmica para o ensino do desenho. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DA ARTE/EDUCADORES / XXIV CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DA ARTE/EDUCADORES DO BRASIL, 24., 2014, Ponta Grossa. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.isapg.com.br/2015/html/areas/Artes%20Visuais/16/21.pdf>> Acesso em: 01 out. 2015.

ROSSI, Maria Helena Wagner. Fundamentos da prática do desenho na escola. In: CONFAEB ARTE/EDUCAÇÃO: CORPOS EM TRÂNSITO, 22., 2012, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://faeb.com.br/livro03/Arquivos/comunicacoes/270.pdf>> Acesso em: 01 out. 2015.

SANTOS, Jailson Valentim dos; SENNA, Nádia da Cruz. Corpos em movimento, corpos desenhados e que desenharam. In: CONFAEB ARTE/EDUCAÇÃO: CORPOS EM TRÂNSITO, 22., 2012, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://faeb.com.br/livro03/Arquivos/comunicacoes/270.pdf>> Acesso em: 01 out. 2015.

**Seminário Desenho em Questão Teresa Poester**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-zqMSGutdcw>> Acesso em: 18 set. 2015.

TAVARES, Andréa Paula Pereira. **Curso de Desenho por Correspondência**. Orientador: Luiz Cláudio Murabac. 2015. 125 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-15072015-111811/pt-br.php>> Acesso em: 30 set. 2015.